

ATRAVESSAMENTOS

marcone moreira

2025



Sem título, 2025
madeira de embarcação, carroceria e parafuso
50 x 60 cm

PROJETO CONTEMPLADO PELO EDITAL 007/2025 – PRÊMIO BRANCO DE MELO 2025

A TRAVESSAMENTOS

marcone moreira

PRÊMIO
BRANCO DE MELO
EDITAL 2025





Série Páginas, 2019
madeira de embarcação
45 x 55 cm

Prêmio Branco de Melo – 7 anos de trajetória

Há sete anos instituímos o Prêmio Branco de Melo como uma evolução do Projeto Edital, que até então contemplava artistas com um período expositivo provendo, além do espaço, um coquetel de abertura e os materiais gráficos da exposição. A mudança se deu de forma significativamente madura: sentimos que era o momento de empoderar os artistas com um prêmio, um valor orçamentário capaz de viabilizar cada etapa da produção de uma mostra de artes visuais.

Nosso intuito mostrou-se efetivamente um sucesso pois, desde então, a cada edição do prêmio, percebemos um fortalecimento e amadurecimento dos projetos concorrentes, e a consequente profissionalização das mostras premiadas, resultando em exposições com aberturas freqüentemente lotadas, e uma excelente visitação ao longo do período de exibição.

Não por acaso batizamos o prêmio com o nome de um dos artistas mais representativos de uma geração de pintores que retratou Belém apaixonadamente, e cujo carisma conhecemos de perto nas muitas visitas que Branco de Melo nos fez desde 2008 até 2017, quando nos deixou um mês depois de sua última mostra retrospectiva “Um Olhar Sobre Belém” na Galeria Theodoro Braga, aos 92 anos. O prêmio honra sua memória, sua capacidade de prover afetos e aprofundar identidade através de seu imenso talento artístico, o que subliminarmente esperamos emanar do cerne das intenções deste Edital na cena artística paraense e brasileira, ao cumprir sua missão de fomento e de amplitude democrática dos recursos públicos para a Cultura.

Renato Torres
Técnico em Gestão Cultural GTB/GBN

O que interliga um ser a outro, um artista a uma curadora, um artista a um lugar? Perguntas simples complexas que envolvem sentimentos, percepções, compromissos, pertencimentos, memórias e principalmente vida vivida. Há em mim um retrato embaçado de um tempo não tão longínquo: o menino homem Marcone Moreira. Artista que conheci em Marabá no começo dos anos 2000. Era jovem, muito, muito jovem e me mostrou a cidade, a paisagem, as galerias, o Galpão das Artes, os próprios artistas. Nunca esqueci. E não era pra esquecer, só pra lembrar. Impressionou-me, a "força estranha", a determinação, o adulto precoce, introspectivo e comunicativo ao mesmo tempo. "Era aquele que conhece o jogo do fogo das coisas que são. Era o Sol, o tempo, a estrada, o pé e o chão."¹

A estrada podia ser rio, o chão também água. O navegar constante sempre esteve presente. Curadora e artista encontraram-se outras vezes, outros projetos. Marabá atravessou o espaço que em mim habita, impressões impregnaram a retina. Estavam ali presentes: a paisagem, a obra, o artista. E uma amizade silenciosa, tecida há anos. Rever? Reconstituir um tempo? Reescrever trajetórias? Não. Apenas seguir e ir na travessia de períodos não coincidentes, maleáveis, mas com pequenas âncoras que tecem pontos comuns: a dinâmica náutica, ribeirinha. Trata-se de um pensamento brotado no artista e germinado na própria mente que cria e projeta o mundo além do rio. Juntos, atravessamos as águas e com a matéria burilada, já existente, com a pintura solitária em preto e branco propusemos desenhos expositivos.

Colecionador, arqueólogo, arquiteto desde o primeiro momento, Marcone realiza prospecções do lugar, da cultura ali existente. Tudo elaborado por ele que ali não nasceu, mas fincou os pés e deixou que asas o conduzissem entre/pós fronteiras. Relembrando o pai, quando o viu colocar a mão no barro, esculpir boi, cavalo, pássaro, diversos bichos, pensou: "Ele parecia um mágico fazendo truques. Daquelas mãos calejadas de homem rude de poucas palavras, de repente brotava uma poesia."² Dos laços paternos herdou a magia de esculpir poesia com madeiras colecionadas, com hélices quebradas, coletadas há 15 anos ou com resina acrílica, carvão vegetal responsáveis pelo silêncio da pintura, do barco solitário.

Sem seguir uma ordem precisa, o artista engendra desejos, pensa nas diferentes obras, no eixo conceitual que as interliga, e compartilha. Nesse momento, artista e curadora associam-se, nasce o mapa possível do espaço, atravessado pela série composta por madeiras de embarcações, sucatas que se integram, se unem na geometria, na cor, trazendo consigo marcas de um tempo desconhecido, mas afetado pelas mãos do artista. São narrativas antigas, muitas vezes esquecidas advindas de outras mãos: a do carpinteiro naval, a do navegador.

A série *Corpos*, com madeiras curvas, unidas por cordas, brotam suspensas nas paredes, entranhadas pelos vestígios de quem cria naus e muitas vezes nem nelas navega. *Calafetação*, significa frestas vedadas que impedem a invasão do rio e permite que o barco navegue protegido. É uma série de

fotografias realizadas por Marcone, nunca antes apresentada. *Fraturas*, outra obra, outra parte, outro princípio e os mesmos rios. Fixas na parede ou expostas no chão, hélices e mais hélices sofrem a metamorfose da arte, tornam-se instalação, transformam-se em escultura, no metálico animal que rasteja, advindo das águas.

Em 2021, Marcone Moreira inicia a série de pinturas *Travessias*, o primeiro suporte utilizado foi o papel, tempo depois passa a usar a tela. Mais recentemente lança mão da resina acrílica com carvão vegetal que de forma simbólica, como comenta o próprio artista “representa enquanto matéria ressignificada, a floresta calcinada.”³ Trata-se de uma série diferente das demais, assim como a série *Calafetação*, devido a presença do ser humano. Em geral, o artista se concentra na matéria, nos vestígios humanos que impregnam os objetos. Na pintura, o artista traz a diminuta figura do barqueiro, a imensa solidão das águas onde a paisagem silencia.

Relembro novamente A Terceira Margem do Rio⁴, conto de João Guimarães Rosa, mencionado em outro texto. Não posso olhar a figura do barqueiro de *Travessias* sem associá-lo àquele que prefere os mistérios das águas, perde-se entre margens, solitário na canoa que construiu e ali permaneceu ad infinitum. Ao navegar, o barqueiro dilui-se na imensidão do rio e passa a habitar o lugar que não se vê, que se desconhece. A imagem longínqua ocupa a pupila e a luz intensa não permite tocar o enigma da obscura cena em que o homem, afastado das margens, percorre dias e noites envolvido em um tempo que não se desfaz.

O atravessar aqui proposto coincide com a pluralidade de objetos, com o silêncio das salas que tal um múltiplo portal, dispõem-se abrigadas no universo da arte, das memórias, do ato criador do artista. Desvendam-se as demarcações, sempre transponíveis e ininterruptas, trajetórias que seguem em permeáveis idas e vindas a agregar novas marcas, diferentes rastros. A geografia não é restritiva, constrói-se sem fronteiras. Modelos vernaculares e construtivistas desfazem-se nas instáveis paisagens ou percorrem outros corpos, dobráveis ou rígidos.

As travessias que se desdobram em atravessamentos, em teias aquosas, são úmidas como a Bacia Amazônica e a floresta, Marcone Moreira traz os pés de quem os colocou nos rios, igarapés e nunca os tirou. Mesmo deslocando-se por tantos territórios, leva consigo a reserva de água que permite navegar por terra e voar, indo além de Marabá, sabendo que, ao retornar, o Tocantins e o Itacaiúnas estarão à sua espera.

[1] Trecho da música Força Estranha de Caetano Veloso, lançada em 1979.

[2] Depoimento apresentado durante o Afluências Seminário Permanente de Artes/Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. Gravado no Youtube, em 21 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLG3VQJVMFc>

[3] Este depoimento encontra-se no projeto Atravessamentos, apresentado e selecionado pela Fundação Cultural do Pará que gerou esta exposição.

[4] A Terceira Margem do Rio, conto de João Guimarães Rosa, integra o livro Primeiras Estórias.



Calafetação, 2013
fotografia digital
50 x 75 cm (cada)





Série Corpos, 2022, madeira pequi e corda de náilon, dimensões variáveis





Série Expansão, 2013, estrutura de embarcação, dimensões variáveis





Modular, 2017
madeira de embarcação
227 x 197 cm







Série Travessias, 2025
grafite, resina acrílica e carvão vegetal sobre tela
200 x 140 cm



Fraturas, 2010-2025
coleção de hélices de embarcações quebradas durante o uso



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

**GOVERNADOR:
HELDER BARBALHO**

**VICE-GOVERNADORA:
HANA GHASSAN TUMA**

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ

**PRESIDENTE:
THIAGO FARIAS MIRANDA**

**DIRETORA DE INTERAÇÃO CULTURAL:
CLÁUDIA PINHEIRO**

GALERIAS THEODORO BRAGA E BENEDITO NUNES

**GERENTE:
ELIANE MOURA**

**EQUIPE:
CAROLINA RIBEIRO, JOÃO PAULO DO AMARAL,
PABLO MU FARREJ, RENATO TORRES**

**ESTAGIÁRIOS:
EMILY GUIMARÃES E CÉLIO DUARTE**

EXPOSIÇÃO ATRAVESSAMENTOS

**CURADORIA:
MARISA MOKARZEL**

**EXPOGRAFIA:
MARCONE MOREIRA, MARISA MOKARZEL**

**PRODUÇÃO CULTURAL:
AMANDA GONDIM**

**DESIGN GRÁFICO:
LUCAS WILM**

